

## **NÚBIA MARQUES E A FEITURA DE SI: A TRAJETÓRIA DE UMA POETISA SERGIPANA**

Sônia Maria de Azevedo Viana<sup>1</sup>

O saber jamais poderá ser contido  
Explicado como elemento do definitivo  
Saber é reconhecer  
Que ao homem cabe a busca  
De um novo sentido  
Pensar é buscar  
A verdade, a resposta  
Nem sempre onde ela se encontra  
Esperando a gente se aproximar  
Para de novo ir embora  
Sorrindo. Incitando-nos, atrevida:  
Vem! Vem me procurar!  
(Poema Memória. Sônia Azevedo)

Falar sobre Núbia Marques se constituiu num desafio. Uma responsabilidade sem precedentes. Não que eu não tenha gosto e prazer em escrever. Sim! A palavra escrita me seduz e alimenta. Falo de desafio porque temo pela conotação de sentidos e significados que hoje dou ao desdobrar o que a vida dessa nobre e destemida mulher guardou, longe do tempo e do lugar onde as experiências mais significativas que vou relatar aconteceram. O registro das inquietudes, preocupações, visões de mundo, fora da espessura viva e turbulenta do contexto que os gerou, traz essa preocupação pelo distanciamento do lugar-acontecimento. Por isso temi a escrita. Pelo excesso de zelo. Pelo respeito à memória de onde devo retirar as palavras certas pelas frestas do tempo, para a escrita subjetiva desse fragmento biográfico.

Nesse percurso de justas preocupações, entendi que a memória (...) feita das fissuras temporais / em seu contínuo e inseguro movimento / que se destaca das coisas já inauguradas / carimbando a validade do momento póstumo e pósteros” (Memória. Sônia Azevedo) não resulta somente da leitura sintética dos registros, se afirma justamente

---

<sup>1</sup> Mestre em Educação pela Universidade Federal de Sergipe. Coordenadora do Núcleo de Pesquisa e Pós-Graduação e Extensão.

pelo distanciamento das experiências vividas e se reconstrói no compartilhamento da leitura contemporânea possibilitada pela dinâmica das mutações realizadas.

Por isso, mesmo tratando-se aqui de uma breve escrita, apresentar uma obra que congrega uma diversidade de contextos e vozes e vieses sociais e políticos me compromete e responsabiliza pela configuração dos sentidos que encontrarão visibilidade coletiva.

Entendi também, que ao falar de Núbia Marques e das suas riquezas literárias, do seu pensamento coerente, das suas inumeráveis preocupações, dos seus ideais, do seu pioneirismo, das suas conquistas, estarei contribuindo para habitar de forma singular o espírito de um tempo que precisa ser constantemente revisitado, compreendido, esclarecido. Ademais, tenho a meu favor a perícia literária de Núbia, cujo texto encanta, mesmo quando aborda a solidão, a tristeza e o lado desumano das carências e desigualdades sociais.

A escrita de Núbia é singular. Leve, mesmo quando envolve o peso, a sisudez e a profundidade do movimento social e político de uma época de auge do autoritarismo, de forças regulatórias e clausuras; época que Núbia revela, livre de excessos e pieguices, através dos seus personagens e textos, nas marcas tatuadas da imperdoável intolerância à alteridade humana que nos identifica pelo respeito às diferenças, sejam elas herdadas biologicamente ou dependentes das nossas interferências culturais e socialmente construídas.

Portanto, é na compreensão desta última premissa: respeito ao outro, à diversidade e à diferença - que dou alívio ao meu pensamento tenso, solto as amarras do desejo e percorro, no enlevo que me toma nesse momento premiado da minha vida - passo a passo - o itinerário biográfico de Núbia Marques. Ela sempre um passo além, muito além do meu, que segue agora totalmente cativado quase sereno, no seu encalço.

Enfim, posso encerrar este preâmbulo, refletindo com a sabedoria que Núbia expressa em seu último livro, publicado em 1999 - O luso, o lúdico e o perene e outros ensaios: "A exposição que ora acontece Práxis Pedagógica: Revista do Curso de Pedagogia, Aracaju, Vol. 3; Nº 4, Jan/Jun 2015

resulta da caminhada dentro da memória, um fazer na alquimia do tempo, porque o eterno é hoje, foi ontem e será sempre para o homem criatura e criador.” (MARQUES, 1999).

## 1. UMA MULHER E SUA OBRA ADMIRÁVEL: PASSOS SUBSTANTIVOS PARA A MEMÓRIA

Núbia Nascimento Marques de Azevedo nasceu em Aracaju no dia 21 de dezembro de 1927 e nos deixou, sem aviso prévio, em 26 de Agosto de 1999. Sua formação acadêmica – graduada e mestra em Serviço Social - a qualificou para desenvolver estudos e pesquisas voltados para as questões da pobreza, da desigualdade social, da marginalidade dos grupos excluídos do acesso aos bens fundamentais à sobrevivência e dignidade humanas.

Como professora universitária exerceu o magistério, lecionando as disciplinas Português e Literatura no Instituto Normal Ruy Barbosa. Na Faculdade de Serviço Social da Universidade Federal de Sergipe foi docente da Cadeira de Serviço Social e Comunidade desenvolvendo estudos e pesquisas em comunidades de mulheres trabalhadoras. Nessa perspectiva, estudou durante três anos a vida das mulheres pescadoras de sururu, comprometendo-se com as questões sociais e a condição subalterna e socialmente desprotegida da mulher. Como resultado desse processo de investigação publicou, em 1983, em edição particular, a monografia “Mulheres X Cultura de Subsistência” – trabalho apresentado na SBPC (1984) e no II Congresso Mundial de Mulheres Migrantes (Portugal, 1995). E como escreveu o acadêmico José Lima Santana, entre a Assistência Social e o Magistério, é difícil dizer qual a sua maior vocação. Me pergunto: - Não seria a de escrever poeticamente a vida? Reverenciando, criticando, constatando as circunstâncias vividas? Creio que Núbia foi realmente uma mulher plural em suas escolhas – todas vocacionadas pelo envolvimento ético profissional e pela entrega emocionada dos seus mais nobres sentimentos, evidenciados na produção científica e cultural construída no decorrer da sua inestimável trajetória.

Além de professora universitária e assistente social, sua vocação literária sobressai e perpassa o itinerário de sua história de vida pública constituindo-se em substância e essência insubstituíveis. A literatura de Núbia Marques não se constitui de exterioridades inocentes e sensíveis constatações, ao contrário, transversaliza as suas experiências profissionais e práticas sociais, incluindo e destacando através dos seus personagens, circunstâncias que demonstram a sua consciência crítica das histórias de vida em andamento e da história política da nação. Nesse sentido a escritora sergipana se confirmou no pódio dos mais ilustres escritores, perenizando seu potencial na diversidade de estilos literários com que nos brindou continuamente, a partir de 1959, quando lançou seu primeiro livro de poesias: “Um ponto duas convergentes” dedicado à memória de seu filho Valério:

Chorei, chorei...  
depois recolhi as lágrimas  
nos meus olhos sem perspectivas...  
guardei minha dor violenta, incomensurável!  
(Máscara, p. 21)

71

Poeta, contista, romancista, cronista, ensaísta, folclorista, é eleita em março de 1978, para ocupar uma cadeira na Academia Sergipana de Letras, tornando-se a primeira mulher sergipana a galgar tão importante posição. Dessa forma, quebra paradigmas e abre importante espaço na confraria dos nobres cavalheiros.

Em seu discurso de posse Núbia ressaltou a sua indignação com as relações de gênero que historicamente coloca a mulher numa posição de subalternidade à do homem. A mulher estigmatizada – Mulher-Emília, Mulher-Amélia.

O potencial literário de Núbia Marques se confirma na lúcida e competente visão do pesquisador, jornalista e amante da cultura das letras Luiz Antonio Barreto, quando analisa o lançamento do livro - Baladas, Palavras e Outonos. (Infonet, 13/11/2009)

Núbia Nascimento Marques foi artista da poesia e da prosa, do cinema e da arte, da pesquisa e da difusão, uma militante incansável pela valorização da cultura sergipana. A Gazeta de Sergipe, de Orlando Dantas, deu-lhe o batente para páginas e suplementos, nos quais abriu espaço para a boa produção artística e literária. Sua obra é também de verso e prosa, complementada com a ensaística folclórica resultante de suas investigações. Arrebatada pela morte, no vigor da capacidade produtiva, Núbia Marques deixou um vazio no cotidiano das relações culturais sergipanas, difícil de preencher, pela singularidade de sua atuação.

Constituindo-se como uma presença marcante nos movimentos culturais de Sergipe, Núbia desenvolve uma seqüência ininterrupta de atividades diversificadas por amor e em defesa das artes, comprometendo-se especialmente com a literatura, publicando crônicas, contos e poesias.

Seu amor, sua inteligência fértil e sua produção literária “que obedece a um ritmo digno de aplausos” (Alencar Filho), coloca em evidência seu talento, reconhecido em 1960, com o Prêmio “João Ribeiro” ocupando o segundo lugar em concurso instituído pela Secretaria de Educação do Estado, na Gestão de Antônio Garcia Filho.

Nessa seqüência é reconhecida ainda com o prêmio “Sociedade de Cultura Artística” pela apresentação dos versos “Dimensões Poéticas” (1961), onde a Diretoria da Sociedade de Cultura Artística de Sergipe, ao apresentar o livro que comemora o primeiro decênio da instituição, fundada em 17 de junho de 1951, diz que:

São necessários mais que dois olhos para ver que existe algo além do riso de uma criança, da espera dos homens e mulheres, da angustiosa esperança de todos os dias. As dimensões poéticas das coisas são medidas com sistemas da sensibilidade, da transcendência e da transverberação. Núbia Marques de Azevedo possui estas unidades métricas. (...) Neste livro mais do que um grito de angústia de uma mãe que perdera o filho, a autora mostra um constante trabalho em busca de novos elementos de expressão poética.

Nesse livro ouve-se o canto da poesia que reflete a vivência de tempos diferentes - o amor, a solidão, a morte, a saudade da infância, a

maternidade – temas que comovem o espírito humano em sua existência terrena.

No poema “Eternidade Materna” que oferece à sua mãe, Núbia diz:

Não envelhecerás,  
Porque estás na minha imaginação de criança  
Não envelhecerás porque és santa e boa  
E te guardo no relicário fantástico da infância

Os tempos levarão teu sorriso  
Os ventos para longínquas terras.  
A vida levar-te-á para a morte  
Depois, o silêncio e a saudade  
Virão para o teu lugar.

(...)  
Serás bela e jovem na minha lembrança  
Porque te guardo nos meus olhos de criança  
E estarás no meu peito de criança pelos tempos a fora...

É também, igualmente marcante e comovente o poema Refração:

73

O vento insinuava suas formas  
Na roupa pendurada no arame.  
Os pregadores sustentavam lembranças  
Que o vento embalava  
Trágica e tristemente...

O vento era frio leve manso  
E o seu pequenino corpo surgia pausadamente.  
Cada balanço no arame

Núbia demonstra seu compromisso com a Cultura Sergipana ao exercer a presidência do Conselho Estadual de Cultura – onde atua – segundo Alencar Filho “com coragem no sentido de criar vigorosos alicerces para um trabalho de profundidade no nosso meio cultural”. (in: Palavra ao leitor no livro Máquinas e Lírios).

Em 1964 apresenta o livro “Balada do Inútil Silêncio” que resulta de uma rica parceria com duas poetisas sergipanas de igual vigor literário: Gizelda Moraes e Carmelita Pinto Fontes. No título se constata a expressão crítica de um momento difícil em que a ausência da palavra

se fez sentir no limite dos conflitos sociais e políticos vivenciados pelo povo brasileiro. O texto de abertura (que não tem assinante) revela que as autoras enveredaram por novos caminhos, buscaram inspiração de ordem interior e venceram o lugar-comum da poesia que enaltece apenas as coisas vistas. Assim, “são legítimas gravuras da alma que encerram uma mensagem” de dor, alegria, tristeza, saudade, como se pode ler e sentir, nos poemas que escolhi:

### **Porto sem portas**

noite ali  
Um poste de luz indecisa vulnera sombras.  
A saudade chega de capa preta  
Grandes botas contra a lama  
Pisando mansa e pesadamente dentro do meu exílio  
Noite sempre noite

### **Destino**

(...) meus pés nasceram pra buscar auroras  
Sem eletricidade sincronizada  
Mas colhendo a pálida luz da manhã  
Depois de uma jornada silenciosa

Em 1971 publicou “Máquinas e Lírios”, com o apoio da Secretaria de Educação e Cultura na Gestão de Nestor Piva e Beatriz Gois Dantas. O Livro reúne 15 poesias escritas entre 1962 e 1963. São versos que expõem através de composições fortes, objetivas e ao mesmo tempo líricas, as mudanças que refletem os avanços da tecnologia, alterando o cotidiano e o mundo do trabalho mecanizado. Analisa o tempo padronizado, roubado pelo relógio da indústria que demarca o ritmo da vida; questões objetivas como a dispensa do operário e a espera da mulher no longo percurso entre “a ternura e a máquina”, a discriminação racial, também são abordadas. Vejam o poema INERME:

Iumumba morreu,  
tua pele noturna  
teu sangue de areia e sal  
tua dor de liberdade  
tua solidão crivaram de balas teu corpo crepuscular

(...) teu corpo noturno  
É mancha milenar dos deuses de olhos azuis  
De pele cor de aurora  
De fria indiferença em louça e gesso.

(...) querias Iumumba, arrancar os grilhões do teu povo  
Querias dormir sem grades  
Tranquilo com teus filhotes e tua mulher, todos, todos...

(...) Tu apenas eras uma flor rubra de coração grande  
E o coração, Iumumba,  
É a máquina mais desmoralizada do mundo...

Com “Geometria do Abandono” recebe o Prêmio Pedro Calazans da Prefeitura Municipal de Aracaju, em 1975.

Em 1997 lança o livro “POEMAS TRANSATLÂNTICOS” escrito de abril a dezembro de 1990, período em que a autora esteve em Lisboa como bolsista do Instituto de Língua Portuguesa.

### **Exílio**

Tento moldar  
A escultura  
Do exílio.

Faltam palmeiras  
Sabiás  
Paisagem luxuriante  
Sobra o meu corpo  
Fragmentado  
Na órbita  
Da saudade.

### **Maná**

Já não se faz o êxodo como outrora  
O Maná sumiu

Além dos trabalhos já citados lançou como folclorista “Aspectos do Folclore em Sergipe” e “O luso, o lúdico e o perene”. Outros trabalhos de igual importância podem ser lembrados, como “Berço de Angústia” e “O sonho e a Sina.” Mas, destaco um que a meu ver merece ser comentado nesse espaço pela legitimidade das críticas literárias positivas e valiosas que recebeu e recebe: “O Passo de Estefânia.” O livro representa a consciência do desmorroneamento social de uma época.

No prefácio, Heloneida Studart escreve que “o livro de Núbia tem esse enfoque peculiar... Trata-se de uma história escrita através da sensibilidade feminina. Nem por isso menos forte.”

Nelly Novaes Coelho (1982) ao analisar as virtudes do livro também diz que ele

Resulta do difícil equilíbrio mantido entre uma escrita documental (a que se quer registro direto de uma experiência vivida na carne) e a escrita ficcional (a que transfigura a experiência individual e precária, projetando-a em um nível coletivo/universal, onde ela adquire a perenidade e a ressonância de um símbolo.

Na abertura do livro Núbia afirma: “Não fiz o livro para agradar ou agredir, mas para testemunho de uma época tão cruel para todos nós”. Há momentos em que a exposição dolorida do cotidiano expõe a vulnerabilidade humana. A questão social é forte e revela dicotomias radicais e perspectivas contrastantes no exercício de determinados papéis profissionais. O fazer da assistente social em seus limites se revela com uma nitidez que fere o leitor transportado para a situação retratada com economia de palavras e fartura de sentimento. A visão da pobreza e da precisão se amplia na busca da explicação já sabida de antemão para justificar o baixo rendimento escolar das muitas fracassadas “Lucianas”.

Ruas sem nome levam a personagem Estefânia através dos atalhos à realidade fétida – um monturo desfigurado e desconhecido. E gente que se esconde e teme. O sistema com sua burocracia incoerente, cega e surda é incapaz de perceber da realidade mais que um diagnóstico – verdade nua e crua da miséria humana dos grupos silenciados e excluídos, que Estefânia descobre a cada passo e se pergunta: - Como alcançar os objetivos pregados abstratamente na academia? – Como ajustar o homem à sua situação de vida e ao mesmo tempo promover e respeitar a sua dignidade? Como conciliar esses objetivos com o trabalho concreto e singular de “catalogar a sarjeta humana” em relatórios que mostram sempre as coisas já sabidas: Condições precárias de saúde, educação, habitação, alimentação...

Situações que se registram sob um número em milhares de fichas cujo destino é ocupar uma gaveta em completa impossibilidade. A fome, a doença, a falta de cuidados, emprego e salário. Burocratas cheirando a alfazema com seus jalecos impecavelmente brancos não se infectam com as mazelas e odores fétidos dos excluídos.

Com sensível maestria Núbia retrata numa linguagem crua e enxuta, que nos leva a uma percepção quase visual das fragilidades sociais narradas intercaladamente entre paisagens tranqüilas de rara beleza que contracenam com a realidade acontecendo. Há uma inteligência literária fantástica na bricolagem dessas cenas que se articulam, emendadas sem ranhuras na história que está sendo contada, amenizando a ansiedade do leitor, totalmente transportado para dentro da sua alma que olha e ao mesmo tempo vive (não porque de fato viveu) a situação emocionada que apaixonadamente narra. A forma “lírica”, singular de relatar esse movimento que expõe a tragédia humana surpreende o leitor mais racional, pelo tanto de envolvimento que se corporifica nas frases concisas e conscientes de Núbia.

Somente uma mulher portadora de um farto senso de humanidade poderia perceber e, de fato se importar, poderia se incomodar com a vergonha imposta a “D. Joaquina” no ato de pedir, e mais ainda, com a vergonha de Estefânia, como profissional mediadora do Serviço Social, de um direito substantivo que jamais poderia ser negado a D. Joaquina pelo sistema.

## 2. NÚBIA MARQUES: A MULHER CONSTRUINDO A LIBERDADE NA FEITURA DE SUAS ESCOLHAS – SEMPRE UM PASSO ALÉM

Núbia Marques se consagra como uma mulher pioneira, que se antecipou ao seu tempo, inaugurando com seu “Passo de Estefânia” sua opção política, sua filosofia de vida, seu compromisso humano com a justiça, a liberdade e a dignidade de ser. Uma mulher sem medo de viver e ser feliz.

Núbia Marques. Mulher Admirável, cujo traço de coragem se revelou pela inesperada ousadia de romper com as expectativas  
Práxis Pedagógica: Revista do Curso de Pedagogia, Aracaju, Vol. 3; Nº 4,  
Jan/Jun 2015

convencionais da sociedade. Assim, criou seu próprio caminho. Fez-se dona do seu próprio destino. Inconformada com a sorte esperada surpreendeu a todos e surpreendeu-se protagonizando um papel que não estava prescrito. Não houve tempo para ensaiar. Escreveu a peça da sua vida no caminho, reinventando-se.

Nunca pôs a máscara da acomodação e da subserviência. Fez-se na imprevisibilidade dos dias em andamento. Experimentou todas as possibilidades aportadas pela vida e viveu intensamente a plenitude de todos os seus dias com perícia humana e dignidade. Emancipou-se, no enfrentamento das restrições postas pela condição de mulher nascida e criada para a experiência subalterna. Viveu a autonomia. Viveu a construção do amor e da solidariedade. Fez-se Gente! Andou por suas escolhas e com o amparo generoso dos seus próprios pés – passo a passo -, ao longo do caminho que a guiou somente para onde seu coração emocionado lhe levou - sempre dona da sua vontade firme e clara, sobretudo quando “no encaço da liberdade deixou seu passo incerto”. Jamais desistiu de dar o passo além...

Em sua jornada decidida e firme experimentou o medo, a solidão e a opressão e como a personagem Estefânia, não se afastou dos princípios escolhidos. Não foi comovida pelas facilidades, nem cativada pelo anúncio de conforto. Ao contrário, saboreou sua escolha e cada passo dado com infinita clareza na escuridão dos dias que trouxeram o desafio das inumeráveis dificuldades. Constrangeu-se com seu corpo fragmentado, por sua consciência da impotência feminina e social, por suas perdas, mas jamais se permitiu rifar seus pensamentos para garantir o passe livre pela trilha fácil dos caminhos já feitos. Ao contrário, apurou seu olhar cristalino e atrevida enxergou mais do que se podia ver. Como no poema de Fernando Pessoa “O meu olhar é nítido como um girassol...” Núbia se surpreendeu porque viu o que outros não viram, mesmo sendo convidados a ver. No exagero das necessidades constatadas em sua livre e arriscada caminhada social, política e profissional, sentou-se muitas vezes na beirada dos precipícios. Invasa pela sensação de impedimento, limitada pelas decisões

Práxis Pedagógica: Revista do Curso de Pedagogia, Aracaju, Vol. 3; Nº 4,  
Jan/Jun 2015

insensatas do sistema social, constrangeu-se, dolorida pelo labor ininterrupto que teceu infatigável e consciente.

Como escritora poetizou de forma lúdica as agruras da vida. Impulsionada pela rebeldia com a ordem e as convenções estabelecidas, denunciou, criticou. Falou através dos seus personagens, com a clareza de quem sabe pensar por conta própria e não se deixa enganar, das suas verdades doloridas, dos seus ideais, da sua revolta, diante de uma sociedade cega à condição de igualdade e bem estar social, especialmente da mulher estereotipada em sua singularidade feminina.

Tinha fome apenas de liberdade. Por isso, seu passo decidido não se afastou do caminho que seu coração escolheu. Ao contrário, equilibrou-se sem rede de proteção sobre o arame farpado erguido sobre os abismos da ignorância, do abuso e da indiferença. Seu caminho absurdo e longo se fez passo a passo, - aliás, sempre um passo além - em busca de respostas para todas as perguntas, inclusive as que ainda serão feitas e que seu pensamento crítico antecipadamente alimentou.

Nunca arrendou sua vontade e não desviou seu olhar nem sequer um milímetro do horizonte de suas verdades. Calculou-se fora da dimensão dos limites inconvenientes das convenções. Andarilha, alargou suas fronteiras. Forçou barreiras. Foi brava mulher nordestina na persistência das suas crenças, na resistência ativa das suas ações, promotoras de uma sociedade mais humana, de homens e mulheres mais companheiros e iguais, incomparáveis em sua dignidade e soberania. Suas palavras se estenderam em rede, ganharam o mundo e fortalecidas pelas tensões vividas, criaram pontes sobre o vale da submissão.

Cedo ainda, foi chamada. Talvez não quisesse ir. Tanto por fazer! Mas dessa vez, não pode interferir. Distanciou-se! Mas, está aqui. Morando no coração de cada um, de cada uma de nós. Homens e Mulheres defensores dos perenes ideais de justiça, igualdade e liberdade.

Hoje nós a encontramos nas conquistas que construímos a partir desse compartilhamento necessário com as idéias que povoaram o seu

mundo e soltas de amarras convencionais dobraram – não sem sacrifícios – as esquinas da intolerância e do preconceito, assanharam os ventos da igualdade universal que deve existir entre homens e mulheres nos seus saberes e fazeres. Ventos que ainda não se aquietaram. Nós os estamos seguindo, palmilhando outros passos sim, mas nos seus rastros, que por seus méritos se alinharam como setas, iluminando a consciência e nossos caminhos.

Sua ida tão repentina e tão antecipada não lhe permitiu ver de perto o resultado de tudo que seu passo produziu. Não viu, o quanto ficou parecido com tudo que ela sonhou e a mancheia e fartamente semeou, sem economia de esforço, coragem e garra. E foi Núbia quem disse em seu discurso de posse na Academia Sergipana de Letras: “Não se constrói a arte para o aqui e agora, efemeridade essencial humana, mas para todo o sempre”.

Hoje se propagam as políticas públicas especiais necessárias para superação das desigualdades de gênero, promoção, valorização e reconhecimento, à contribuição e a participação das mulheres na sociedade.

Muita coisa mudou desde que Núbia nos avisou com seu “Passo de Estefânia”, e seu “olhar de girassol”, sobre tudo que estava além das circunstâncias... Assim, é preciso que sejamos justos em compreender que a mudança que hoje alcançamos - especialmente as que envolvem aspectos sociais e as questões de gênero, - exigiu que pessoas capazes de protagonismo, de exercício ímpar de cidadania e de autonomia e dignidade, gerassem com sua revolta, com suas ações, com sua denúncia, com sua arte, a insustentabilidade radical do empoderamento autoritário e cego dos que foram capazes de cercear a liberdade e as garantias institucionais, em determinado momento da história política brasileira.

É mister destacar que Núbia evidenciou a condição da mulher não somente como professora e assistente-social, mas retratou com maestria e força impressionantes a condição cotidiana da mulher desde a infância, em suas necessidades fundamentais de respeito e

Práxis Pedagógica: Revista do Curso de Pedagogia, Aracaju, Vol. 3; Nº 4, Jan/Jun 2015

compartilhamento de responsabilidades tanto públicas quanto privadas.

No âmbito das contínuas denúncias dessas condições, foram se constituindo temas de estudos permanentes, socializados através de fóruns e conferências nacionais e internacionais que orientam atualmente políticas públicas especiais levando em conta os distintos grupos de mulheres, segundo sua condição étnico-racial, etário-geracional, profissional, de rendimentos e tipo de vínculo de trabalho, de moradia, de estado civil; com atenção e recursos diferenciados, promovendo ações denominadas como afirmativas, por seu caráter compensatório, estrutural e temporal, inscrito no longo processo de luta pela desinstitucionalização da desigualdade social, do preconceito e discriminação da mulher.

Foi primordialmente sob o labor desenvolvido a partir dessa dimensão - humana e sensível - que integra sociedade e cultura que Núbia teceu suas fabulações mais secretas, mas não se negou a mostrar por inteiro nos livros que tão bem escreveu, iluminando as (in)certezas provedoras de um dever visivelmente implicado com a problemática social da sua época.

Por tudo isso, posso sentir, quase concretamente, que seu maior querer foi sem dúvida o querer literário, implicado politicamente com as questões sociais. A possibilidade de escrever sua palavra preencheu sua vida, eternizando a beleza contida nas poesias, contos, ensaios e crônicas que nos deixou como herança, tesouro invendável, alcançado somente pelos que se arriscam a seguir suas pistas, confrontando-as nas arritmias do tempo que inexoravelmente evolui, criando novas possibilidades para que se dê - como somente Núbia Marques o fez - o passo além...

Por isso, hoje ela está conosco e podemos ouvi-la dizer em “Filho Pródigo”:

(...)  
Voltei não preciso bater na porta  
Nem apertar o botão da campainha  
A porta irreduzível

Está aberta varrida de ventos  
Largo o ramallete de rosas vermelhas  
Meus dedos tocam pontos iluminados de sobressaltos  
estou chorando  
Chorar nessa porta é gostoso  
Minhas lágrimas não têm dor de agonia  
É cristal lúcido e simples do lírio do vale.  
(In: Baladas do Inútil Silêncio, 1965, p.22)